

Na Sala de Aula

SEXTA-FEIRA | 13 | JULHO | 2007

Bons de contas

As Olimpíadas de Matemática têm servido para desenvolver o desafio dos estudantes com os números, além da disciplina ser o assunto dos corredores escolares durante o período do evento

ARTE DE ANDREY FREITAS SOBRE FOTO DE DIEGO REDEL



No Colégio Altamiro Guimarães, no município de Antônio Carlos, os estudantes Gislaine Hoffmann, Paulo Junckes e Mirelli Petry conquistaram medalhas pelo desempenho nas Olimpíadas

**Escola de Porto Belo
atua para manter os
preconceitos longe
dos estudantes**

Página 12



**Colégio de Cerro
Negro faz trabalhos
sobre as profissões**

Página 9

**Grêmios integram
a comunidade e
buscam soluções de
acordo com os alunos**

Página 11

APRESENTAÇÃO

Professores, pais, amigos mais velhos, ao longo das décadas, vêm repetindo a pergunta às crianças: o que você vai ser quando crescer? Tem estudantes que crescem ouvindo esta questão e até entram na faculdade sem saber direito o que desejam da vida. Em Cerro Negro, a Escola Otilya Ungareti, abordou o tema profissões com os alunos de 5ª série. O resultado foram respostas bem interessantes, através de desenhos, que você pode conferir neste caderno, a segunda edição deste ano do DC em Sala de Aula. O suplemento é uma parceria entre o **Diário Catarinense** e a Secretaria de Estado da Educação.

Este caderno ainda traz outras matérias de interesse das comunidades escolares, como a função dos grêmios, entidades formadas por alunos e que vêm se mantendo ao longo dos anos. Qualquer problema, avisa o grêmio, que a turma vai entrar em ação para resgatar os interesses dos estudantes.

Outra reportagem trata dos Olimpíadas de Matemática, evento que tem se tornado uma boa mania entre os estudantes catarinenses. Esta disputa contribui até para a professora de matemática não ser mais olhada de cara feia, e tem gerado um saudável espírito de desafio entre os alunos dos ensinos fundamental e médio. São questões que exigem raciocínio e que, antes de tudo, aproximam os estudantes dos números.

Na Escola de Ensino Fundamental Bela Vista, em Fraiburgo, os professores desenvolveram com os alunos um trabalho a partir de um evento que quebrou a rotina do município. Os estudantes observaram o 20º Campeonato Brasileiro de Balonismo, que coloriu o céu de Fraiburgo e, depois, retrataram o que viram. Antes de chegarem aos desenhos, eles analisaram diversas modalidades esportivas e escreveram textos coletivos.

Nas páginas centrais está retratado o resultado de uma atividade escolar realizada em Agrolândia, na Escola de Educação Básica São João. Os professores pegaram como gancho uma publicação da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o aquecimento global e o futuro do planeta. O trabalho foi desenvolvido com os ensinos fundamental e médio. O tema que mais chamou a atenção dos professores, porém, saiu dos alunos da 4ª série. Eles imaginaram o planeta entrando pelo ralo devido às diversas formas de agressão praticadas pelos habitantes da Terra.

Para começar o caderno, a abordagem será sobre os jornais elaborados em sala de aula. Além de fazerem circular as notícias da escola, integram a comunidade escolar. Boa leitura.

O jornal didático

Levar o jornal para a sala de aula e elaborar atividades com ele para incentivar a leitura é prática comum de professores nas escolas. Mas o uso do meio de comunicação como material didático não pára por aí: agora, ele também serve de modelo para os alunos exercitarem a escrita.

Como repórteres, estudantes escrevem notícias da escola em jornais, lançando mão até de técnicas utilizadas pelo jornalismo, como a de iniciar o texto com o fato principal. Para que isso? Para que os chamados jornais-escola atinjam seu objetivo de estimular a pesquisa de informações e aproximar os alunos da atualidade.

Na Escola Tereza Cristina, em Laurentino, no Sul do Estado, o professor de português dos ensinos médio e fundamental, Zenildo

Tambosi, é o idealizador do jornal, que, por enquanto, ainda se restringe às salas de aula. Cada turma faz o seu, unindo as matérias dos alunos. Manchetes, chamadas, tudo que está relacionado com produção textual consta na publicação.

– Penso que pedir uma redação sempre, é cansativo. Através da notícia, além de verem como novidade, aprendem a ser mais objetivos e coesos em uma narração de fatos que conhecem – comenta o professor.

Trabalho deveria se transformar em comunicação interna

Para os alunos, o trabalho batizado de *Jornal TC* – abreviação do nome da escola – deveria transformar-se na comunicação interna da escola, com equipe própria e periodicidade definida para informar alunos,

pais e professores. O estudante da sétima série Eduardo Freno, 13 anos, é um dos defensores da idéia. Leitor assíduo de jornais, ele explica o que mais fascina na atividade.

– Gostei mesmo foi de conhecer um pouco sobre a produção das notícias. Os editoriais me interessam como leitor, mas saber como os profissionais trabalham no cotidiano sempre foi uma curiosidade – elogia a iniciativa do professor.

Em Joinville, na Escola Professora Antônia Alpaídes Cardoso dos Santos, os alunos passaram a dispor de um informativo com circulação em todo o colégio. Com apenas uma folha, o jornal-escola agrega notícias, curiosidades, dicas, calendários e trabalhos elaborados pelos alunos. Embora ainda em fase de desenvolvimento pela pedagoga Suziane Marques, o informativo já virou a novidade que todos querem ter participação na autoria.



Marlete Corrêa, 8ª série, da Escola Básica Maria Salete Cazzamali de Santa Cecília



RBS JORNAL
DIÁRIO CATARINENSE

Na Sala de Aula

Diretor Geral: Marcos Noll Barboza
Diretor Comercial: Diego Quevedo
Editor-Chefe: Claudio Thomas
Gerente Operacional: Cláudio Sá
Gerente de Circulação: Adriano Araldi
Coordenadora do projeto: Vanessa Sanceverino Esteves
Textos do DC: Mariana Ortiga
Diagramação: Keli Cumerlato e Rafael Rosa
Ilustrações: Andrey Freitas e Thiago Melo
Edição: Tarcísio Poggia
Colaboração: Ana Paula Gonçalves

Comunique-se com o DC

Rua: Desembargador Pedro Silva, 2958 – Itaguaçu – Florianópolis- SC

(48) 3216-3444

Fax: (48) 3216-3355

e-mail: nasaladeaula@diario.com.br

Aplicação no trânsito

Para que os seus alunos tomassem consciência da responsabilidade de cada um no trânsito, a professora Sueli Lemos desenvolveu com seus estudantes o projeto “Percepção de risco no trânsito nas escolas públicas de SC”.

Ela leciona na Escola de Educação Básica Maria Salete Cazzamali, em Santa Cecília, no Planalto Norte do Estado, e o projeto foi realizado com alunos da 8ª série (veja as produções dos trabalhos na imagem acima e na página ao lado).

Com o trabalho, a professora Sueli também quis que os estudantes conhecessem

e respeitassem o trânsito, identificassem e reconhecessem placas de regulamentação e de advertência, e produzissem uma placa de regulamentação para o ambiente escolar.

A turma leu os jornais **Diário Catarinense** e *A Notícia* e prestou mais atenção nas matérias sobre o assunto, especialmente as que reportavam os finais de semana, quando há mais tragédias nas estradas catarinenses. A partir daí, cada aluno construiu sua idéia do que é o trânsito.

Depois, os estudantes assistiram ao filme *Carros*, e fizeram a comparação do que são os veículos de passeio, de carga e de corrida.

De volta às apostilas do Departamento

Nacional de Infra-estrutura e Transportes (Dnit), os alunos estudaram e desenharam as placas de regulamentação e de advertência mais utilizadas.

A partir daí, cada aluno criou a sua placa de regulamentação para os diversos locais da escola: sala de aula, biblioteca, refeitório e rampas.

O resultado não poderia ser melhor, avaliou a professora Sueli Lemos. A escola está situada próxima à BR-116, e se notou que os alunos começaram a ficar mais atentos à sinalização.

Além disso, as placas produzidas pelos estudantes foram distribuídas na escola e salas de aula, enfocando o autor e a importância do trânsito na escola.



Marcos Santin



Francieli Galvão



Diego Carvalho



Aline Alves Peres



Paola Cordeiro de Almeida



Alice Aparecida Farias de Lima



Verônica da Silva Caetano

Quebra de rotina

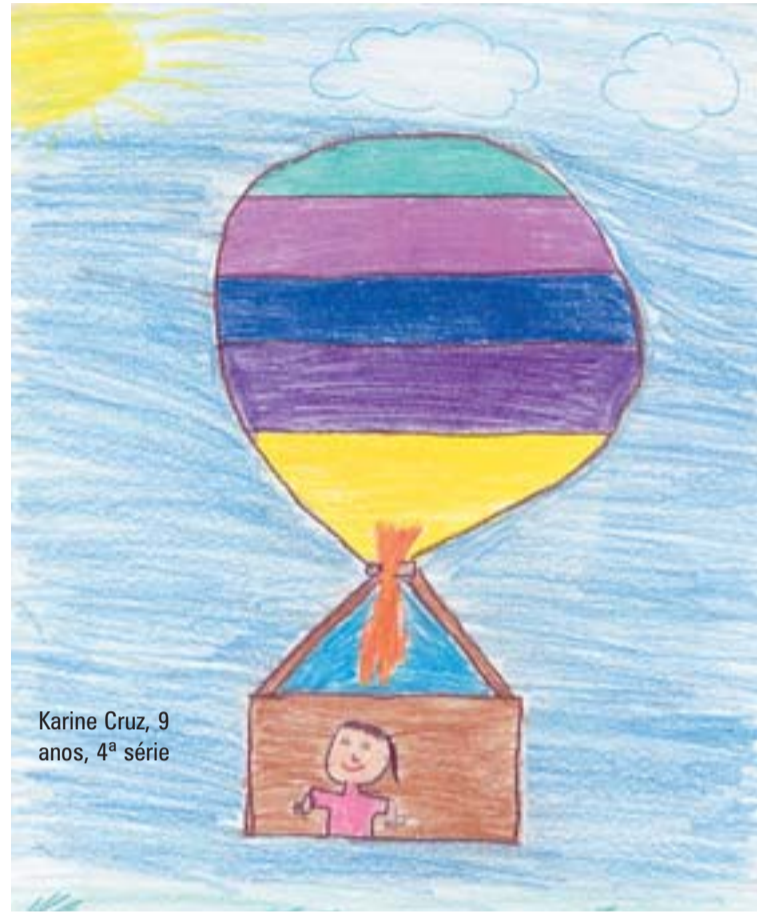


Cristian Wendler Ribeiro,
1ª série do ensino
fundamental

A imaginação dos estudantes de Fraiburgo foi para os ares durante um trabalho desenvolvido pelas professoras Glenda Rosa Zanchett e Letícia Geniqueli Reichardt, da Escola de Ensino Fundamental Bela Vista. Eles fizeram trabalhos a partir do que viram no 20º Campeonato Brasileiro de Balonismo, ocorrido nessa cidade do Meio-Oeste catarinense de 3 a 6 de junho.

O céu azul predominou e ajudou a formar a composição de cores. Com o evento programado, as duas professoras quiseram aproveitar o cotidiano do aluno em seu processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais prazeroso. De acordo com as docentes, a escola não pode ficar alheia ao que acontece na cidade e região.

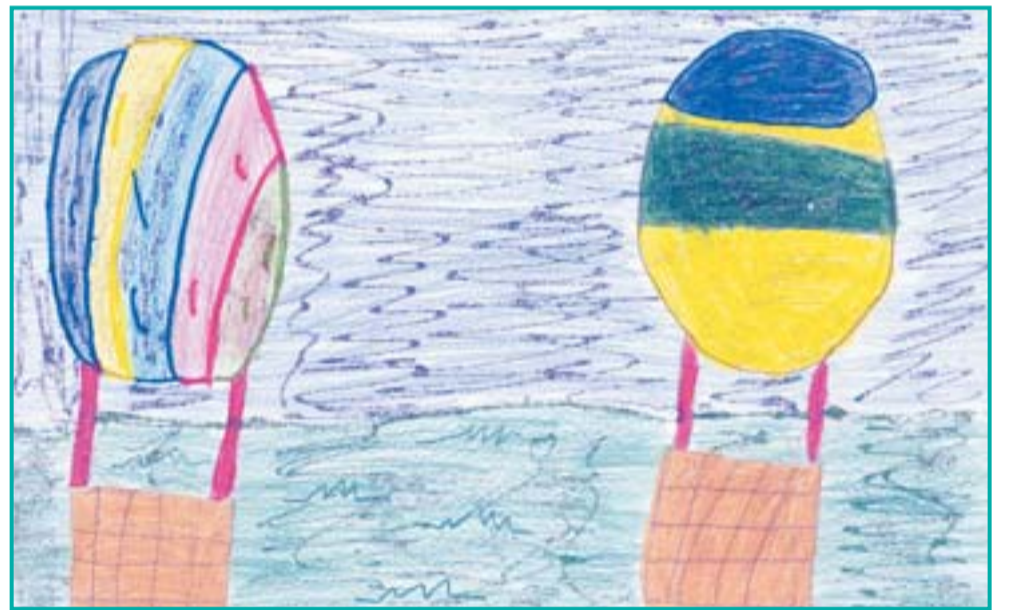
Aproveitando o campeonato, os alunos estudaram várias modalidades esportivas, tendo como principal foco o balonismo. Depois, finalizando o trabalho, as crianças de 1ª a 4ª série realizaram textos coletivos e registraram, com desenhos, o que viram no céu de Fraiburgo.



Karine Cruz, 9
anos, 4ª série



Janete Ribeiro Marques, 9 anos, 3ª série



Daniela Schaly, 9 anos, 3ª série



Fabício dos Passos, 9 anos, 3ª série



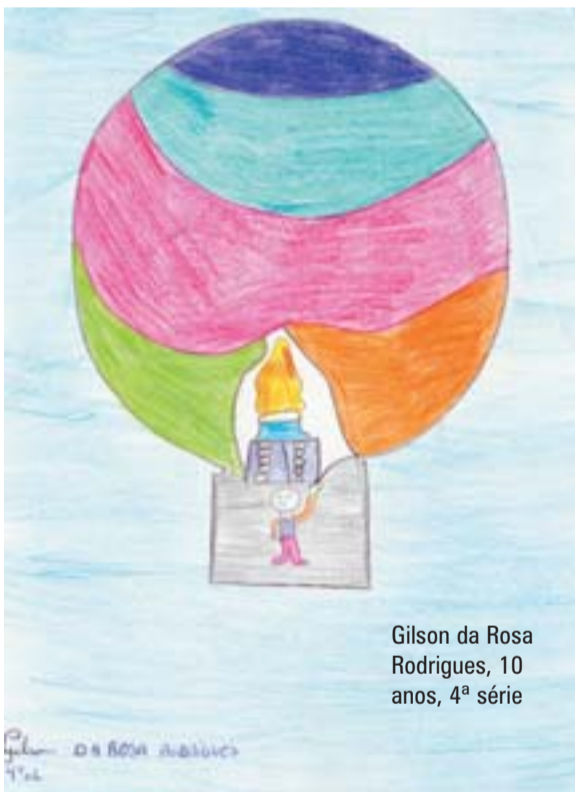
Amanda de Andrade Matias, 9 anos, 3ª série



Erica Aparecida Santos da Luz, 9 anos, 4ª série



Adriano Coser, 1ª série



Gilson da Rosa Rodrigues, 10 anos, 4ª série



César Luiz Casara, 9 anos, 4ª série



Bruna Fonseca, 10 anos, 3ª série



Beatriz Ararecida Janieriche, 8 anos, 3ª série



Angélica Fermindo Barbosa, 10 anos, 4ª série



Julia Kaiper, 9 anos, 4ª série

Aquecimento leva o planeta ao ralo

A Escola Básica São João, em Agrolândia, pegou o gancho o dia 22 de março, escolhido pela Organização das Nações Unidas, para lembrar a importância da água nas nossas vidas. No trabalho aplicado pela professora Andréa Doering, os estudantes dos ensinamentos fundamental e médio puderam expressar como vêem as agressões ao planeta e as consequências do aquecimento global. Uma das preocupações mais fre-

quentes é com o futuro do planeta, diz a professora, que teve mais a atenção despertada pelas conclusões dos alunos da 4ª série. Se o aquecimento global se agravar, algumas respostas foram: "ficaremos todos secos de tanto calor", "sobreirão poucas árvores", "o planeta secará", e "escorre pelo ralo". Esta última preocupação acabou virando o tema de alguns dos trabalhos da 4ª série. Segundo a professora, a ideia começou a se espalhar, conta trabalhos feitos pelos estudantes.



Michele Gutz, 11 anos, 5ª série



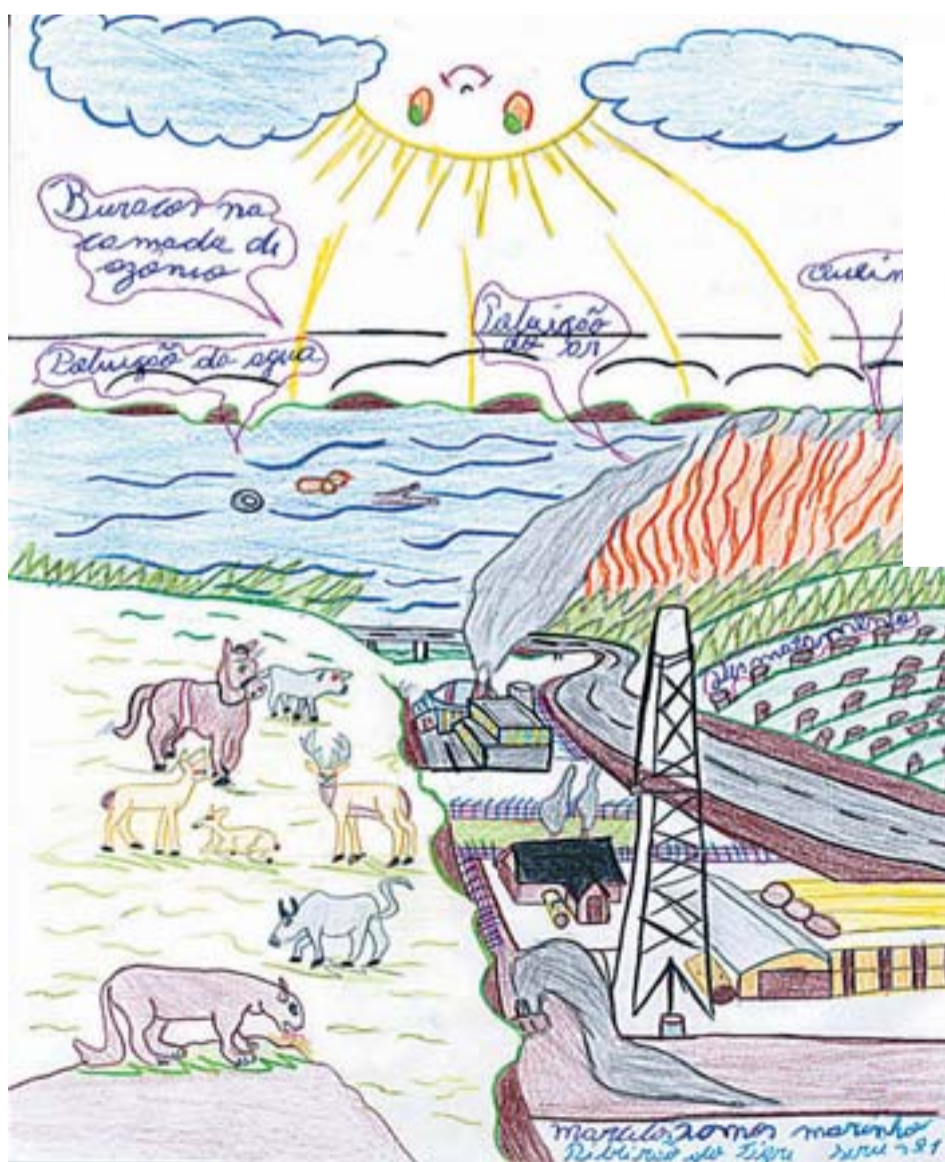
Andressa Daiane de Souza, 9 anos 4ª série



Andressa Caroline Koch, 12 anos, 7ª série



Jaqueline Richartz Zimmermann, 15 anos, 2º ano do ensino médio



Marcelo Ramos Marinho, 14 anos, 2º ano do médio



Eduardo Henrique Barg, 12 anos, 6ª série



Alexandre Döning, 15 anos, 2º ano do



Jéssica Nayara Hoffmam, 16 anos, 2º ano do ensino médio



Andriessa Borges, 16 anos, 2º ano do ensino médio

SER AMBIENTALMENTE CORRETO

SUZIANE MARQUES *

Tratar de responsabilidade e comprometimento com a natureza é de fundamental importância. Ter uma boa formação, ter um sólido conhecimento dos complexos problemas e potencialidades ambientais é estar ciente sobre o alerta diante da situação atual do meio ambiente. A não preservação da natureza, a poluição e também o uso incorreto da água e as consequências com a falta da mesma, está diretamente ligado ao descaso das pessoas para este tema.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a questão ambiental vem sendo considerada como situação cada vez mais importante e urgente para o planeta, pois o futuro da humanidade depende da relação estabelecida entre a natureza e o uso pelos homens dos recursos disponíveis.

A saúde depende da água, do solo, do sol, da comida, do ar... Se o meio ambiente está contaminado, os seres vivos também estarão, conforme o americano David Frawley, a maior autoridade ocidental da tradicional medicina indiana, que prega a necessidade das pessoas estarem em harmonia com a

natureza para serem saudáveis. Se não cuidarmos dela, conseqüentemente, estaremos prejudicando a nós mesmos, não cuidando do corpo, da consciência e do meio ambiente.

As pessoas menosprezam esta realidade, pensando apenas nos seus próprios interesses. Se destruímos a natureza, qual será o futuro da próxima geração? A preocupação agora é com todas as formas de vida. Todos os seres humanos têm seu espaço, como também as plantas, os animais, o céu, o ar, a água... Assim, se os seres humanos conseguirem cuidar destes, não violarão o espaço dos outros seres vivos.

A educação é um elemento indispensável para a transformação da consciência ambiental, e investindo numa mudança de mentalidade, estaríamos adotando novos pontos de vista, novas posturas, novas atitudes e valores de cidadania que podem trazer conseqüências fortes, trabalhando assim para que a degradação não aconteça, para não alterar e não desequilibrar o meio ambiente, para que os seres vivos se desenvolvam bem nos processos vitais de suas existências.

Dedicar-se à educação, ensinando, escrevendo, passando informa-

ções educativas aos outros e treinando as pessoas, trabalhar-se-á com os diferentes níveis de conscientização, que a solidariedade com o meio ambiente, que hoje mais do que nunca precisa ser entendido e vivido, dentro dos aspectos familiar, social, pessoal e profissional.

É importante destacar que economizar água não é restringir o uso dela e sim usá-la racionalmente. Você pode fazer isso, começando pela sua casa, verificando quem desperdiça e orientando-o para proceder diferente.

É através de um trabalho coletivo, educativo e abrangente que se pode conscientizar a sociedade sobre o descaso do cuidado com o meio ambiente. Se não buscarmos meios para tentar diminuir estas situações, como iremos garantir um futuro melhor para as próximas gerações? Não temos que esperar ninguém. Temos que chamar os outros para caminhar rumo à mudança, ousar para fazer o melhor, defender de forma pacífica e acreditar na natureza para que possamos viver num ambiente mais bonito e saudável. O mundo que a gente quer, depende do que a gente faz!

* Assistente Técnica Pedagógica

Juliana Beza, 16 anos, 2º ano do ensino médio



Thays Alessandra Seyferth, 9 anos, 4ª série



Charles Will Júnior, 12 anos, 7ª série

O PRAZER DE LER

CRISTIANE BASTOS *

O ser humano possui, entre várias características, a de ter sempre que ser motivado. Nossas vidas são regidas pela motivação, que tanto pode ser interna, como externa. Se algo vai mal buscamos imediatamente um objetivo para mudar essa situação. É uma lei da vida. Em empresas, os funcionários estão sempre sendo motivados para que a produção aumente, para que o lucro seja maior. Não diferente acontece nas escolas, pois, nós professores, temos que, todo tempo, motivar nossos alunos, a fim de se conseguir um bom desempenho escolar.

As escolas, cada vez mais, estão evoluindo e instigando seus alunos a dedicarem-se aos estudos, sejam por meio de esportes, teatro, músicas, feiras literárias e científicas, entre outros. O aluno tem que se sentir bem para poder gerar "lucro", como os funcionários de uma empresa. O "lucro" para nós seria a vontade de crescer e de alcançar objetivos outrora nunca pensados. Infelizmente ainda não temos o nível que gostaríamos de encontrar na maioria das escolas, tanto públicas como particulares em nosso país. Entretanto, resta provocar em nossos alunos essa vontade e ela, certamente, inicia no prazer de ler. Sem ser forçado, sem ser algo improdutivo: o ler por ler. A leitura tem que ser estimulada desde as primeiras letras, o primeiro contato com elas. O futuro leitor tem que ser estimulado, porém de forma correta, senão fica no ar aquele "peso" de ter que ler como obrigação e não como prazer.

Engana-se quem pensa que a leitura abrange apenas a parte de Língua Portuguesa no âmbito escolar. A leitura envolve interpretação, concentração, análise, mexe com os sentimentos, nos faz mais críticos, nos educa de forma serena, indica o melhor caminho para as adversidades e nos faz mais dignos entre tantas outras coisas do mundo exterior. Tantos benefícios nos são dados por causa da leitura e por que não espalhá-la aos quatro cantos do mundo e disseminá-la entre as pessoas que nos estão próximas, carentes de uma viagem pela literatura, pelo mundo dos verbos, substantivos, adjetivos, que lhes parecem tão distantes?

Crianças adoram o apelo visual, bem sabemos disso. E como instigar a leitura em seres que abominam tantas letras juntas? A vontade de ler tem que iniciar com algo que lhes pareça encantador, bom, gostoso. A delícia de ler pode ser encarada como a delícia de provar um bolo de chocolate cheio de granulados em cima. Qual criança resiste à tamanha gostosura? Os professores devem provocar os alunos, assim como um bolo provoca água na boca de uma criança e fica sempre o gostinho do "quero mais". Um belo bolo, um belo livro, fatiado, dividido e multiplicado entre várias mentes novas, contagiando outras mentes por meio da expectativa da próxima leitura que vem do próximo bolo que iremos repartir.

Dessa forma não somente os professores ficam com essa tarefa de provocar, pois os próprios alunos poderão escrever sobre sua visão do livro e também instigar o colega, o pai, o irmão, o primo a fim de que fiquem com água na boca e resolvam provar desse manjar dos Deuses. Livro lido, trabalho cumprido. Ler é trabalhar também, é usar seus sentidos e sanar suas dúvidas, é aprimorar seus conhecimentos e repassá-los a todos que se interessarem e se envolverem nessa deliciosa viagem.

* Professora de Língua Portuguesa



Gislaine Hoffmann, Mirelli Petry e Paulo Junckes, do Colégio Altamiro Guimarães, em Antônio Carlos, premiados nas Olimpíadas de Matemática

O despertar para os números

Quem nunca teve facilidade com os números sempre admirou os colegas que calculam de cabeça o que a maioria precisa de muitas linhas de um caderno. Para estes alunos, as Olimpíadas Nacionais de Matemática surgiram como uma oportunidade de exercitar o raciocínio e garantir reconhecimento nos estudos.

No colégio Altamiro Guimarães, no município de Antônio Carlos, o que não faltam são estudantes que dispensam papel e caneta na hora de fazer contas.

Não é à toa que o município congrega a maior parte dos medalhistas catarinenses da competição brasileira.

Aluna da 7ª série do colégio, Gislaine Hoffmann, de 13 anos, já exibe a segunda medalha de prata que conquistou em dois anos de competição. O gosto pela matéria que costuma roubar o sono de pelo menos a metade dos estudantes é tamanho que ela pensa em ser professora da disciplina.

— Por causa da medalha acabei ganhando uma bolsa de estudos de matemática avançada na UFSC. Fico feliz porque pode ajudar na hora do vestibular — planeja.

Assim como ela, seus colegas Mirelli Petry e Ramon de Souza também se destacam quando o assunto são os números. A dificuldade dos problemas e a expectativa de superação instigam os garotos que ficam rodeados pela turma quando o quadro



mostra um cálculo considerado difícil. E não é só para os colegas de sala que os chamados "CDFs" parecem aptos a ensinar:

— Nas lojas, às vezes a gente sabe o preço de um produto com desconto antes do vendedor, que tem a máquina na mão — contam Mirelli e Ramon.

Desafio é evidenciar a aplicabilidade

Benefícios como este de se conhecer a matemática é que os professores tentam mostrar para os alunos que ainda precisam despertar o gosto pelas contas. Evidenciar

sua aplicabilidade no dia-a-dia, longe da obrigação dos deveres e próximo do cotidiano do estudante, é um desafio que todo educador tem que enfrentar.

Na Escola Irmã Maria Tereza, em Palhoça, as Olimpíadas de Matemática vêm aproximando os alunos da disciplina. Lá, ninguém coleciona medalhas, mas todos participam da primeira etapa e, até aqueles que dizem não suportar os números, acabam discutindo as questões.

— É claro que alguns dizem que não vão ler, só assinalar. Mas como nem todas as questões são difíceis, acabam conseguindo fazer e sentindo-se capazes, o que desmistifica um pouco a dificuldade da matemática — comenta a coordenadora da competição na escola, Amália Nunes Golart.

Desafio da matemática é a maior sedução

Apesar das Olimpíadas terem se tornado um incentivo, no Colégio Altamiro Guimarães, quem mais se sente seduzido pela competição ainda é o aluno que considera a matéria, no máximo, um desafio. O problema, segundo professores da área, é que a maioria continua enxergando a matemática como um "bicho-papão".

— Às vezes, a aversão vem de casa. Muitos pais de alunos que não se dão bem na matéria dizem que já odiavam matemática na época de estudante e isso desestimula, porque faz com que o aluno tenha restrições antes mesmo de conhecer — diz a professora Silvana Kremer.

Planos para quando crescer

O que você quer ser quando crescer? A pergunta é feita pelos pais, professores, amigos mais velhos, pelos tios e até pelo palhacinho que vende balões nas ruas do centro das grandes cidades para as crianças que ainda não entraram na escola.

Essa mesma questão persegue no ensino fundamental, médio. E tem gente que cresce, entra na faculdade ainda sem saber direito o que deseja da vida.

Muitas vezes, a resposta só é dada com firmeza depois que o acadêmico virou bacharel e já está com o diploma na mão. Nestes casos, não tem outro remédio: o jeito é fazer novo vestibular e começar tudo de novo. Seja qual for a fase da vida, dificilmente a pessoa vai dizer "não sei". Normalmente, a criança tem uma resposta na ponta da língua, é convicta, mesmo que esta convicção dure 24 horas, ou até ela ver um adulto fazendo algo que lhe desperte o interesse.

A professora Zenita Borges de Je-

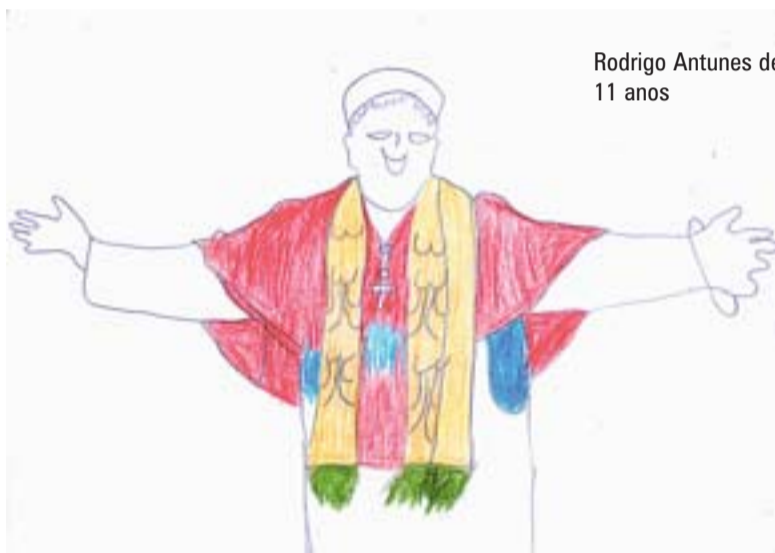
sus, da Escola Otilya Ulysséa Ungareti, do município de Cerro Negro, no Planalto Serrano, abordou o tema "profissões" com os seus alunos 5ª série do ensino fundamental. As respostas foram as mais variadas e expressas em desenhos.

– Tenho o privilégio de trabalhar com crianças que sonham e que têm consciência da dificuldade de ter uma profissão. Nossos alunos sonham e já lutam por um futuro melhor – diz Zenita, ao destacar que a maioria é do meio rural e divide o tempo entre a escola e a roça.

Diego Gobetti Lopes, de 11 anos



Rodrigo Antunes de Lima, 11 anos



Michele Camargo dos Santos, 12 anos



Andriele Antunes Varela, 11 anos



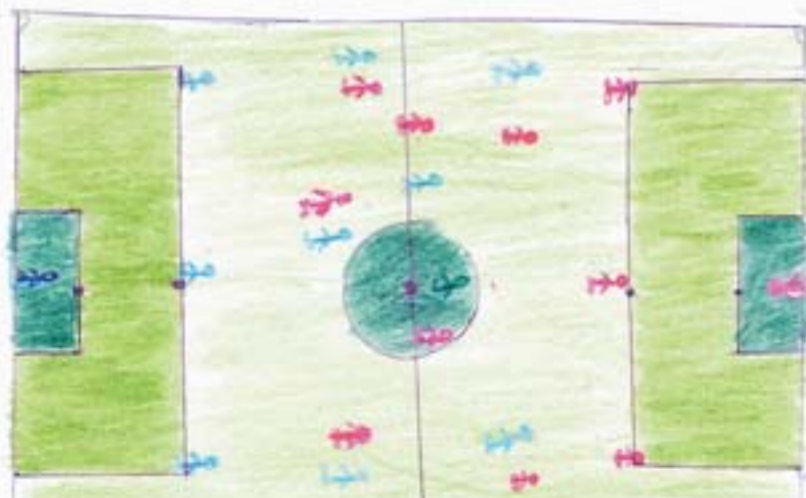
Jamille Martins Vanin, 12 anos



Steila Silva Detoffol, 10 anos



Alisson Varela



A euforia brasileira causada pela recepção dos Jogos Pan-Americanos, que acontecem no Rio de Janeiro, chegou às escolas catarinenses. Neste ano, muitos colégios alteraram seu calendário e substituíram as tradicionais gincanas dessa época por competições exclusivamente desportivas, em alusão ao evento.

Do lado de fora da escola Nossa Senhora da Conceição, em São José, pode-se ouvir gritos, palmas e opiniões, manifestações típicas de torcida. Tudo é válido para incentivar os colegas em quadra, até chamar o integrante da equipe adversária pelo apelido que ele detesta.

Isso porque, para fechar o primeiro semestre, o colégio realizou o "Pan - Conceição", envolvendo meninos e meninas da pré-escola ao terceiro ano do ensino médio, em

uma competição com modalidades para estudante nenhum botar defeito.

Salto em altura, corrida, vôlei, basquete e tênis de mesa são alguns dos esportes incluídos nesse Pan que, assim como o legítimo, teve abertura com atrações e tocha olímpica.

Para os estudantes, no entanto, o protocolo é só um detalhe. O que vale mesmo é ganhar de outras turmas para conquistar as medalhas de primeiro lugar. Decepcionada pela derrota de sua sala de aula no futsal feminino, a aluna da sétima série Elizabeth Rosa, 14 anos, clas-

sifica o "Pan Conceição":

– Achei "massa", porque é uma oportunidade da gente ter mais tempo de fazer o que gosta no colégio – conta.

Influência do evento vai além das quadras

Se no lado de fora ouve-se a torcida, ao entrar na escola, a percepção de que a influência do Pan-Americano vai além das quadras é clara. As bandeiras dos países que participam da competição estão distribuídas pelo local, revelando um trabalho prévio

de pesquisa desenvolvido pelos alunos.

– Aproveitamos o momento para unir pesquisa e prática de esportes pelos benefícios que causam à saúde. Embora muitos alunos já tenham vínculos com essas modalidades, existe uma tendência ao sedentarismo, principalmente por causa do computador – comenta uma das coordenadoras dos jogos, a professora de educação física, Maria Regina Saldanha.

Mais do que promover saúde, afastamento das drogas e da violência, as disputas esportivas também favorecem a integração entre os

alunos. Em Palhoça, igualmente incentivadas pelo Pan do Rio, as escolas participaram dos Jogos Escolares do município, que neste ano contou com um número maior de participantes, segundo os professores.

"Nesta época é legal porque todos admiram"

No ginásio principal da cidade, estudantes com idades entre 12 e 14 anos de ambos os sexos exibiram seu futsal. Como só os selecionados saem da aula para a competição, enquanto as equipes buscam um título para o colégio em que estudam, os colegas ficam em sala pensando em gritos de guerra para a final.

– É muito legal participar de jogos nessa época em que todo mundo presta atenção e admira os atletas – explica de onde vem parte de sua motivação o estudante Wiliam Henrique, da oitava série do colégio Venceslau Bueno.



FOTOS GLAUCON COVRE

Estudantes de Palhoça vão treinar no ginásio municipal e garantem que, nesta época de Pan-Americano, o entusiasmo é maior

A origem

A idéia de criar uma competição envolvendo exclusivamente os países do continente americano surgiu durante as Olimpíadas de Los Angeles, em 1932. No entanto, somente oito anos depois foi realizado o Primeiro Congresso Esportivo Pan-Americano, em Buenos Aires, para discutir a realização dos jogos.

Nesse encontro, ficou decidido que a primeira competição aconteceria em 1943, na Argentina. Mas a Segunda Guerra Mundial fez com que os planos tivessem que ser adiados.

Quase 20 anos depois de ser cogitada, finalmente aconteceu a primeira competição. Mais de 2,5 mil atletas de 21 países, disputando medalhas em 18 modalidades, participaram do evento.

Esta é a segunda vez que o Brasil sedia os Jogos Pan-Americanos. A primeira vez foi em 1963, em São Paulo, quando o país conquistou 52 medalhas, ficando em segundo lugar na classificação geral – até hoje, o melhor desempenho brasileiro registrado na competição.

No Rio, são 5,5 mil

O Rio de Janeiro vai abrigar, de 13 a 29 de julho de 2007, o maior evento esportivo das Américas, os Jogos Pan-Americanos. O Estado vai receber 5,5 mil atletas de 42 países.

Revitalização de espaços esportivos e construção de novas instalações foram realizadas para garantir o sucesso dos Jogos.

Todas as disputas serão realizadas em um raio de 25 km, divididos em quatro núcleos: Complexo do Maracanã, Complexo de Deodoro, região do Pão de Açúcar e da Barra. No total, os Jogos Pan-americanos Rio 2007 terão 14 sedes.



As atividades esportivas, como a desta equipe de futsal de Palhoça, contribuem para integrar a comunidade escolar



Participar da entidade é querer mudar o que não está de acordo com as aspirações dos estudantes, diz Inara Emy (foto), vice-presidente do grêmio Open Mind, do Colégio Ivo Silveira, em Palhoça

Chama o grêmio

Toda escola precisa de melhorias. Seja em atividades de lazer ou na qualidade do ensino, sempre é possível aperfeiçoar o que é feito dentro e fora de sala.

Quando o assunto é sugerir e cobrar mudanças que beneficiem os alunos, entra em ação o grêmio estudantil, uma organização que representa o interesse dos estudantes.

Reuniões, atas, ofícios. Até fazer parte de um grêmio, muitos nem imaginam o que são essas formali-

dades. Correr atrás de patrocínio, organizar uma festa para arrecadar fundos, falar em público, são tarefas mais conhecidas, porém não menos amedrontadoras, que também fazem parte das atribuições dos integrantes de um grêmio estudantil.

No colégio Ivo Silveira, em Palhoça, uma das primeiras providências da atual gestão, batizada de "Open Mind" – mente aberta, em português – foi resolver um impasse antigo entre alunos e direção: a obrigatoriedade de um uniforme considerado cafona pela garotada. Através de concurso

de logotipo, confeccionados pelos próprios alunos, e de votação para a escolha de cores do novo uniforme, o problema foi resolvido.

Ao invés de escolherem entre uma camiseta branca e uma azul, que mais parecia um pijama, segundo comparação feita pelos estudantes, agora eles podem optar entre quatro cores de camiseta, todas com um logotipo que deixou de fazer do uniforme um tormento.

Mas, se a conquista principal foi essa, o maior objetivo dos 10 integrantes do grêmio estudantil do Ivo Silveira ainda não foi realizado.

Eles compartilham de um sonho antigo da comunidade, que é a construção de um ginásio de esportes no colégio.

– É uma pena que tenhamos um espaço tão grande ocupado por quadras sem estrutura, que não satisfazem as necessidades dos alunos. Para realizar campeonatos temos que recorrer a outros locais – justifica o presidente do grêmio, Andrio Lopes Martinez, do terceiro ano do ensino médio, exibindo a planta do ginásio.

Incentivar o debate por meio de filmes e palestras sobre questões

sociais como uso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis, mercado de trabalho e profissões também está entre as pretensões da equipe. Só que para realizar tudo isso, é preciso muito trabalho.

– Participar do grêmio é querer mudar o que você percebe que não está de acordo com as aspirações dos alunos, mas tem que ter responsabilidade para reivindicar e, principalmente, para conciliar as atividades da equipe com os estudos – ressalta a vice-presidente do "Open Mind", Inara Emy, também do terceiro ano.



Objetivo deste grupo da Lauro Müller é reativar a rádio da escola, fora do ar há dois anos

Equipe cidadã

Fazer parte do grêmio estudantil é, antes de tudo, um exercício de cidadania.

É através dele que uma equipe composta por estudantes de uma chapa eleita representam todos os alunos do colégio diante da direção, além de ser um espaço de aprendizagem e convivência.

"Percebo que os integrantes do grêmio sentem-se fortalecidos pelo poder de decisão dentro da escola, enquanto nós nos sentimos fortalecidos pelo apoio deles em determinadas ações", analisa a diretora do colégio Lauro Müller, na Capital, Valéria Nunes.

Lá, os integrantes da equipe de mesmo nome da escola, batizada em homenagem

ao 95º aniversário da instituição, também podem listar benefícios resultantes do esforço conjunto de nove alunos do primeiro ano do ensino médio. Curso de informática gratuito – com professores especializados –, incentivo à cultura através da recomendação de livros e elaboração de um site com notícias do colégio são ações já concretizadas pelo grupo recém-eleito.

Próximo passo é reativar a rádio

O próximo passo é reativar a rádio, fora do ar há dois anos. Eles estão em busca de patrocínio para que o aparelho seja instalado em uma área própria, ou pelo menos, com divisórias que separem a aparelhagem do refeitório, local onde se encontram os aparelhos.